

319
LEANDRO GOMES DE BARROS

04
06
07
O TEMPO DE HOJE

O Sorteio Militar

PREÇO 300

EDITORES

Pedro Baptista & C^a
17, Rua 7 de Setembro, 17 - Guarabira
Estado da Parahyba do Norte

1920

O Tempo de hoje

Antes de haver esta guerra
O mundo éra sonho dourado,
A carne custava pouco,
O bacalháo quasi dado,
Assucar ninguem queria,
Café moido era achado.

A Guerra chegou,
Bacalháo damnou-se,
A carne acabou-se
Tudo piorou,
Fava levantou,
Vejam como está
Carne Ceará
Trez mil reis o kilo!
E é mesmo aquillo
Batata e cará.

Então depois desta guerra
Batata esta caprichosa,
Diz que entre os legumes
É ella a mais saborosa,
Diz eu não caso com pão,
Pão é de raça sebosa.

Disse: é estrangeira
Eu não gosto d'ella
So gosto d'aquella
Que for brasileira;
Prezo machacheira,
Gosto do café
Não tomo rapé
E nem masco fumo,
Hoje até estrumo
No preço faz pé.

O povo lamenta o tempo
Quando tudo era barato
Que a praça como uma louca
Se curvava aos pés do matto
Pedindo para comprar-lhe
Chamando ao matuto ingrato.

Com todo cuidado
Mostrava a fazenda,
Chita fita e renda,
Que fosse de agrado,
Todo delicado,
Patrões e cacheiros,
Grandes trapicheiros
Aos freguezes vinham
Só não lhe faziam
Mudarem-lhe cueiros.

Agora é pelo contrario,
O freguez chega de fora

Pergunta—Patrão tem isso?
Responde, mais com demora,
Tenho, porem custa tanto,
Não quero vender agora.

No tempo passado
O freguez chegava
Tudo adulava
Muito interessado,
O portuguez de um lado
Muito satisfeito.
Dizia com geito:
Benha se sentare
Querendo mamare
Está aqui o peito.

Hoje em dia, nem se occupam
Botarem nada nas amostras,
O freguez falla com elles
Elles respondem de costas
Que o fréguez reina pegar
Cortal-o em pequenas postas.

O mundo faz crêr
Que se viciou,
A praça botou
O matto a perder
Hoje só se vê
Roubo e corrupção,
Prende-se um ladrão
Elle se faz bôbo,

Maria Florença das Neves

É diz:—Não fiz roubo
Isso é cavação...

Cinco litros de batatas
Nunca deu mais que tostão
Farinha doze vintens,
Uma pataca o feijão,
Fumo dez tostões a vara
Era uso do sertão.

Hoje tudo vai,
O tempo é moderno,
Isso é um inferno
Onde tudo cae,
O filho ao pae
Se se descuidar
E for lhe confiar
Um kilo de arroz
Vê faltarem dois
Se elle repezar:

Alem do preço alterado
Que a mercadoria tem
Falta no kilo ou na cuia;
Como se salva ninguem?
Só o povo do governo
Pode dizer: Eu vou bem.

No tempo passado,
Qualquer um freguez
P'ra passar um mez

Bastava um cruzado,
la no mercado
Comprava a farinha,
De tudo que tinha,
Vinha uma porção;
Arroz e feijão
Milho p'ra gallinha.

Era um tempo de delicias
Ninguem contava miseria,
Não é como hoje o tempo
Que é verdadeira pilheria,
Esgotaram-se os recursos
A vida tornou-se seria.

Não ha quem suporte
Esta carestia,
De noite e de dia
Se traqueja a sorte.
O povo do norte
Está desarranjado,
Alem de roubado
Em pezo e medida,
Alimenta a vida
Com feijão furado.

Não tem que seja cassaco
Ou seja commendador,
Para o lado do commercio
Apanha seja quem for,
Tanto faz ser um servente

Como desembargador,

Chora o desgraçado,
Se maldiz o nobre,
Estribucha o pobre,
Queixa-se o quebrado;
Diz o empregado
Que crise tyranna,
Eu essa semana
Em noite de lua
Apanhei na rua
Casca de banana...;

Hoje tem mais uma coisa
Que para o pobre é canudo
Com dez mil reis vai á venda
O marinheiro trombudo
Dizendo troco não ha;
Só troco comprando tudo.

O pobre esperneia
Com essa furada
Ou fica sem nada
Ou dorme sem ceia,
A fome que é feia
Tem cara de cão.
Não fica um tostão
Do cobre que havia
E, no outro dia
Com que compra o pão?

De trez annos para cá
É enorme a differença
Nos homens do nosso tempo
Ha uma mudança immensa,
Agora só aparece
Aquillo que não se pensa.

Eu tenho notado
Nos homens das rodas
Que acompanham as modas
O que se tem dado,
Um desses coitado,
Só falta morrer
Não pode viver
Em lastima tamanha,
Porque o que ganha
Não dá para comer.

Antes da guerra européa
Folgava a humanidade
Então só tinham sahida
As coisas de novidade,
Pão de um dia para outro
Vendiam pela metade.

Agora hoje em dia
Ninguem aborrece
E nem endurece
Pão na padaria,
Pois tem freguezia
Que manda os comprar

E encomendar
Com mais brevidade
Guardar para tarde
O pão que boiar.

Camaradinha pedante
Que quer ser grande sem poder
Comprava um kilo de carne
Mas não podia o trazer,
Se trouxesse era escondido
Ninguem havia de ver.

Um desses agora
Sabe elle o que faz?
Não tem luxo mais
Sai a toda hora,
Veste-se vai embora
Não tem embaracio,
Vai marcando passo
Que só um canalha
A bolça de palha
Debaixo do braço.

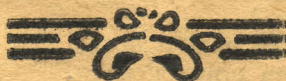
Essa crise veio agora
Endireitar muita gente,
Muitos só comiam pão
Se ainda estivesse quente,
Mas hoje isso acabou-se
A cousa está differente.

Essas regalias

Das mezas de outr'ora,
Tornaram-se agora
Em pão de trez dias,
Vai as padarias
Comprar escondido
Inda constrangido.
Vai sempre ao pão duro
Come feijão puro
Que só desvalidado.

E' o remedio que ha
Não tem para onde fugir,
A dôr ensina a gemer,
O somno obriga a dormir,
Toda roupa serve ao nú
Quando não tem que vestir.

.....
Recife 4 de Março de 1918



O Sorteio Militar

Alerta! rapasiada!
O tempo não está de graça
Moço, velho, cego, e cocho
Tudo agora assenta praça.
Bispo, e vigario collado
Vai tudo ao pão de fumaça.

Para que fazer soldado
De velho, cégo, e menino?
Está sem sal este mercado
Róe a porca e quebra o pino?
Vamos ver se alistarão
Um, como Antonio Silvino.

Eu viajei para o norte
E vi um pobre aleijado,
Me disse um visinho a' elle
Aquelle está alistado.
Mas para que serve aquillo?
Perguntei ao delegado.

Então elle respondeu-me
Esse não pode escapar,
Só anda de quatro pés
Mas comtudo pode andar
A patria tem precisão
De alguém para rastejar.

Outro tem um filho doudo
Com uma perna cortada,
Disse-lhe o delegado
Você vai meu camarada,
Tem-se percisão de doudo
Que é para atirar pedrada.

Disse o pai do pobre doudo
Que faz na guerra este tolo?
—Caiu-me na rede é peixe
E o que sahir vai no bolo,
Loucura não é deifeito,
Ninguem briga com miolo.

Como vou eu sem ter pernas
Perguntou um ancião?
Respondeu o delegado,
Vai na corcunda de um são
Um leva você nas costas
E a espingarda na mão.

Um velho catimboseiro
Que tem ali no agreste
Até eu disse ao juiz

Aquelle queira Deus preste
Disse o juiz via tambem,
E leva, o cachimbo mestre.

Tinha um filho uma viuva
Snedo uma pobre mulher.
Disse ao filho: ora meu filho?
O governo não te quer
O juiz disse: esse eu levo,
Arrume outro se quizer.

E se não estou enganado
Os padres tambem irão
E ha de ficar bonito
Um padre com cinturão,
Naquelle batina prete
Fica de luxo o latão!...

Disse um sertanejo velho:
Não vou, venha que quizer,
Compro araca embora gaste
Todos os bens quem tiver,
Vendo as bestas das meninas
E o mellado da mulher.

Certa mocinha me disse
Que em nosso casa via
Essa disse, lá em casa
Tudo está dentro, não sai
Não quiseram dispensar
Nem o porco de papai.

Até meu irmão mais velho
Que quebrou o espinhaço,
Furou o olho direito.
E o doutor cortou-lhe o braço,
Disse o juiz: você vai,
Embora falte um pedaço.

Disse o juiz uma arvore
Se corta e deixa-se o toco
Ella cria novos galhos
Frutifica e não é pouco
Um homem cortando um braço,
Briga bem com o côtoco.

A lei exige que ainda
Estando morto e enterrado
Arranque-se o esqueleto
E vae especionado
Quando nada o povo diz
Isto é osso de soldado.

Uma velha tem um filho
Que é feio que só perigo
Perguntou quando alistou-se
Que faz a praça commigo?
Disse o juiz: praça feia
Faz assombrar o inimigo.

E não escapa ninguem
Vai tudo a solla da vacca,
Está o Brasil imprensado

Entre a porca e macaca
E o governo bem quieto
Dizendo: Felipe ataca..

O governo está dizendo:
Quem não gostar coma menos,
Va fazer queixas ao Bispo,
Faça os bocados pequenos,
Felizmente eu já sou grande
Não tenho medo de acenos,

Zé Churumella já disse:
O Govenio me sorteia,
Eu pego minha mulher
Vou liquidal-a na peia,
Fico livre do sorteio
Morra embora na cadeia.

E pegou Chica Tutano
Metteu-lhe o pau sem receio,
Um visinho inda lhe disse:
Não faça isso que é feio,
Disse Churmella:—isso,
E' dose para o sorteio.

Dizia Chica Tutano:
Viram que historia damnada?
O diabo dessa lei
Não veio mesmo envergada?
Alistaram meu marido
Eu é que fui sorteiada,

O brasileiro se torce
Mais do que um parafuso,
A secca aperta do norte,
Do sul aperta o abuso,
O imposto bota na prensa,
O sorteio acocha o fuso.

João! Dizia um sertanejo,
O mundo agora faz dó,
Tu cahisse no sorteio
Eu para não ficar só
Dei por vossê ao juiz
A burra de sua vó.

Quiz dar meu cavallo russo
Elle não quiz receber,
A besta de tua mãe
Elle podia querer,
Mas assim quem carregava
Milho para nos comer?

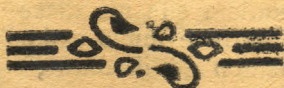
Meu pai respondeu: João
Dindinha fica damnada,
Inda hontem ella me disse
Que a burra é muito estimada,
Ella mamou em dindinha,
E' quasi sua enteada.

Eu sei com toda certeza
Que queira Deus ella acceite,
O negocio ja está feito

Mas queira Deus se aproveite,
Aquella burra e mamãe
São duas irmãs de leite.

Meu filho dizia o velho:
Isso não quer dizer nada
Eu direi a sua avó
Se acaso ficar massada:
Comadre faça de conta
Que eu vendi minha cunhada.

Vejam lá que sacrificios
Neste mundo tem se dado
Que quantidade de lagrimas
Ja não se tem derramado
Só fica quem for doutor
O mais tudo é confiscado.



== F O L H E T O S ==

— D E —

Leandro Gomes de Barros

A' VENDA NA LIVRARIA

Pedro Baptista

Soffrimentos de Alzira	1,000
O Reino da Pedra Fina	1,000
Vida Completa de João Leze	1,000
O Cachorro dos Mortos	1,000
O Príncipe e a Fada	1,000
Canção do Fogo	1,000
A Força do Amor	1,000
A Morte de Alongo e a Vingança de Marina	1,000
A vida de Pedro Cem	400
1º Debate de Josué Romano com Serrador	300
2º e 3º debates de Josué Romano com Serrador	300
Todas as luctas de Antonio Silvino	300
O Pão e a Batata	300
Vala e Sermões do Padre Cicero	300
O Refrante sua mulher e filios	300
A Alleança Vencida	300
Hecatombe de Garanhuns	300
O Fim da Guerra	300

— Completo sortimento dos folhetos de F. G. Baptista e outros auctores.

Os editores reservam os direitos de reproducção de accordo com o artigo 649 do Codigoo Civil.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).